

# COMITÉ DE INVESTIGAÇÃO CORONA - PARTE 15 | POR JOCHEN MITSCHKA

*Posted on 9. November 2020*

## Insulto à realza ou julgamento necessário?

*Um ponto de vista de Jochen Mitschka*

Depois de cada vez mais vídeos do Comité Corona serem bloqueados no YouTube, uma reportagem cronológica semanal é difícil porque leva sempre muito tempo até que estes vídeos bloqueados estejam então acessíveis em outras plataformas. Por esta razão, seguem agora os resumos, que têm o nome do número da reunião da comissão. Neste caso, é a primeira parte da reunião "O Papel dos Meios de Comunicação Social", ou seja, o n.º 9.1 (1). A sessão realmente devida, nº 7 "Benefício ou dano das máscaras oronasais", seguir-se-á, portanto, quando o vídeo da sessão estiver novamente disponível.

A Sra. Fischer apresentou a reunião do comité com um exemplo. Ela própria teria caído numa armadilha mediática quando disse em comissão que tinha sido declarado um encerramento muito grande na Austrália. A verdade é que o encerramento só teria um grande impacto em certas regiões, tais como Vitoria, enquanto noutras zonas as áreas seriam menos afectadas. A correcção teria vindo de um espectador que estivesse na Austrália, e isso provaria mais uma vez que teríamos de verificar tudo o que os meios de comunicação social relatam.

Um jornalista alemão que se encontra actualmente na Suécia foi então entrevistado.

### Patrick Plaga

O entrevistado declarou que era psicólogo de profissão. Teria ido para a Suécia em Maio para escapar ao clima social quente na Alemanha. Só na Suécia teria compreendido porque é que os meios de comunicação social na Alemanha relatam a forma como o fazem. Na sua opinião, a razão teria sido que praticamente já não existem correspondentes estrangeiros na Suécia. Ele ter-se-ia apercebido disso quando esteve na conferência de imprensa do Departamento de Saúde, onde Anders Tegnell é um orador regular. Teria sido aí praticamente sitiado por jornalistas locais que queriam saber porque tinha vindo. Obviamente, os meios de comunicação social teriam de obter a sua informação sobre a Suécia a partir da Internet. Em particular, as reacções da população não poderiam ser devidamente avaliadas sem uma presença local.

Quando perguntado pelo Dr. Füllmich o que iria acontecer na Suécia, o Sr. Plaga respondeu que tinha notado uma certa tensão básica no início, mas que nunca tinha evoluído para uma agressão, como na Alemanha. Não teria havido quaisquer confrontos verbais ou físicos, como na Alemanha com a questão das máscaras obrigatórias.

A Suécia teria seguido disciplinadamente os conselhos do governo em grande medida. Isto incluía a distância mínima e a lavagem. Em direcção ao Verão, a curva do medo teria então caído abruptamente. A Corona seria então apenas uma das várias questões políticas em discussão na Suécia.

Depois foi colocada a questão de como os suecos teriam percebido a cobertura mediática estrangeira da abordagem sueca à Corona. Os suecos considerariam distorcido, discriminatório e humilhante o modo como os meios de comunicação social relatam no estrangeiro. Isto iria ao ponto de enfurecer os parceiros de entrevista porque receiam "voltar a pôr algo na boca" se ele, Plaga, como jornalista estrangeiro, fizesse perguntas. Isso ter-se-ia mesmo tornado uma reacção dominante.

Foi então apresentada uma estatística do Conselho Nacional de Saúde da Suécia, que difere drasticamente da estatística que é distribuída sobre a Suécia pela Universidade Johns Hopkins. Por um lado, as estatísticas mostram que as mortes ocorrem praticamente apenas numa idade em que as pessoas morrem naturalmente na maioria dos casos, enquanto que as pessoas mais jovens são praticamente não afectadas. E pode ver como os números da morte estão a cair. Na Suécia, os números da infecção receberiam muito menos atenção do que na Alemanha. Na Suécia seriam comunicados "casos de doença" ou "casos confirmados", também para evitar associações negativas associadas à "infecção". O Gabinete de Saúde Pública comunica regularmente que as pessoas que morrem com Covid tiveram doenças anteriores e que teriam morrido nessa idade e estado de saúde mesmo sem Covid.

A aprovação do curso do governo nunca teria subido para 100%, mas teria estado na ordem dos 50 a 65%. O resto da população está dividida entre aqueles que teriam gostado de ver medidas mais duras e outros que não teriam querido nenhuma medida ou que não se teriam importado. A este respeito, uma taxa de aprovação de 65% seria uma maioria esmagadora.

Na Suécia, todas as opiniões teriam tido uma palavra a dizer no debate público. Os virologistas também

foram consultados pelo governo, que teria considerado o curso do governo demasiado laxista. Teriam também sido representados nos meios de comunicação social. Foi mencionado um grupo liderado por Lena Einhorn, que, com uma lista de vinte assinaturas de virologistas, tinha defendido um curso mais duro por parte do governo, que teria então sido discutido no e com o governo.

O Sr. Plaga relatou que estas opiniões discordantes recebem espaço para se explicarem na televisão estatal e nos jornais do país, ao contrário do que acontece na Alemanha. Mas isto não teria mudado a opinião da população, que acredita que o Estado mas as instituições independentes são mais dignas de confiança do que os cientistas independentes ou grupos de pressão.

Quando perguntado se estes "dissidentes" também tinham sido difamados, o Sr. Plaga explicou que na Suécia não haveria este tipo de júris verbais que se saberia da Alemanha. As opiniões discordantes seriam ouvidas em pé de igualdade e tratadas objectivamente. Anders Stegnell nunca falaria sobre outras pessoas, mas falaria sempre sobre o assunto em questão. Ele nunca atacaria outra posição, mas relataria sempre o seu relato de uma forma factualmente sólida. Isto ter-se-ia tornado um estilo geral de negociação na discussão da Corona na Suécia.

O Sr. Plaga assinalou que a Suécia já tinha tomado medidas ANTES da Alemanha para abrandar a propagação do vírus. "A 28 de Fevereiro, quando o Sr. Schade ainda dizia na Alemanha, ou a 27 de Fevereiro, quando o Sr. Schade ainda dizia publicamente que o Covid-19 não era uma ameaça para a Europa, o Conselho Nacional de Saúde sueco já tinha tido as suas primeiras conferências de imprensa e delineado as estratégias de prontidão para responder ao Covid-19". A Suécia teria sido apanhada entre não fazer nada e uma reacção exagerada de um activista.

A Suécia teria prosseguido uma política transparente e compreensível desde o início, sem grandes mudanças. E isto seria geralmente considerado um sucesso na Suécia. Quando perguntado se 5700 pessoas falecidas na Suécia seriam registadas de forma diferente do que na Alemanha, ou seja, se seria verificado se tinham morrido directamente na Corona ou com a Corona, o Sr. Plaga respondeu que não conheceria nenhuma autópsia. Teria sido suficiente para o público saber que as vítimas eram de uma idade em que normalmente se morre. Mencionou então ao seu senhorio que lhe disse que os dois idosos que conhecia

que tinham sido diagnosticados com Covid-19 teriam ficado contentes por finalmente serem libertados da sua agonia.

Ele teria ouvido comentários semelhantes de outras pessoas três ou quatro vezes. Nunca teria ouvido dizer que seria uma catástrofe se estas pessoas idosas morressem. No entanto, teriam sido emitidas recomendações em Abril propondo níveis mais elevados de protecção para as pessoas em lares de idosos, que a maioria deles teria implementado.

A Suécia teria, contudo, uma cultura em que as pessoas não pensavam que tudo tinha de ser ordenado e comandado, mas sim que eram emitidas recomendações que a maioria das pessoas seguia. Mas isso não significa que não haja excepções, razão pela qual nunca houve situações como na Alemanha .

Os suecos teriam uma grande confiança na independência das autoridades. Não acreditariam que são utilizados por políticos que, de acordo com sondagens de opinião, querem fazer carreira para si próprios, ou fazer passar vantagens económicas para os grupos de pressão.

Haveria uma tendência para procurar "ligações" junto das autoridades sanitárias. No dia do inquérito, um tópico importante de discussão na conferência de imprensa seria certamente o antigo epidemiologista estatal Johan Giesecke. É um conselheiro do Departamento de Saúde. Diz-se que dirigiu o Departamento de Saúde na direcção errada desde o início e que deu conselhos mesmo antes de ter sido contratado como consultor oficial com base numa taxa. Estas seriam influências do exterior no escritório, que estão a ser questionadas porque são consideradas um escândalo na Suécia.

A constituição sueca estipula que o governo não pode instruir as autoridades no seu campo de especialização. Ao contrário do Reino Unido, por exemplo, onde as autoridades sanitárias pretendiam inicialmente prosseguir uma política como a da Suécia, mas foram depois instruídas pelo governo para impor o bloqueio, tal influência não seria possível na Suécia.

Na Suécia, o governo e o parlamento teriam certamente poderes de decisão e o governo teria sido dotado de poderes alargados pelo parlamento, mas não pode dar instruções às autoridades sobre a razão pela qual

o governo não tem a justificação para adoptar medidas alargadas.

O governo teria de facto o poder de encerrar as escolas, mas a autoridade sanitária não pode ser instruída para dar conselhos nesta matéria, e então o encerramento das escolas seria contra o conselho da autoridade especializada relevante, o que seria politicamente impossível na Suécia.

O Sr. Plaga salientou que os meios de comunicação social na Suécia não tinham inibições para atacar os próprios representantes da opinião estatal no caso Corona, como o caso Giesecke demonstrou. Ao contrário da Alemanha. A minoria de peritos, que incluiria vinte virologistas que tinham apresentado uma petição para medidas mais duras, teria certamente sido representada em todos os meios de comunicação social. Argumentos de morte como os da Alemanha não existiriam de nenhum lado na Suécia, pelo menos não nos meios de comunicação oficiais.

O guia crucial para uma comunicação calma e não-pânica seria Anders Tegnell. Se saísse da sua conferência de imprensa, poderia escrever um artigo sobre a situação da Corona em todo o mundo, uma vez que todos os números seriam dados.

O Dr. Füllmich disse que tinha a impressão de que praticamente todos os meios de comunicação social na Alemanha seguiriam a linha de pânico do Ministério do Interior. O que provavelmente não teria sido o caso na Suécia. O Sr. Plage respondeu que os media na Suécia teriam reagido exactamente da mesma forma que na Alemanha se a política do governo tivesse sido diferente, ou seja, como na Alemanha. Basta olhar para as diferenças entre as conferências de imprensa do Sr. Wieler na Alemanha e Tegnell na Suécia, e estar lá ao vivo, e depois ver e sentir o efeito das pessoas, enquanto você mesmo está inseguro e à procura de uma linha de vida. Então compreenderia a reacção dos meios de comunicação social.

Se tiver medo em criança e desejar que um pai o guie pela floresta escura, disse o Sr. Plage, aludindo a Tegnell, reage de forma diferente do que no caso de Wieler. Em certas situações, os adultos reagem novamente como crianças. Para os jornalistas alemães, o Sr. Wieler e o Sr. Drosten ter-se-iam tornado os guias através da floresta. Enquanto que para os meios de comunicação suecos são o Sr. Tegnell e o Sr. Giesecke.

O Dr. Füllmich perguntou então se os meios de comunicação social, se o papel de pânico tivesse existido na Suécia, teriam seguido as instruções como na Alemanha. O Sr. Plage disse que o jornal não seria seguido por instruções, mas porque as pessoas iriam perceber Wieler e o próprio Drosten como ansiosos. Isso teria obviamente um efeito sobre as pessoas à sua volta. O medo saltaria por cima, e isso teria provavelmente sido o caso também na Suécia, se as autoridades tivessem reagido de forma semelhante, ele estava provavelmente a tentar fazer uma declaração.

Explicou então que numa conferência de imprensa, onde Wieler discutira números em dois minutos, durante os quais Tegnell passou meia hora, Wieler prosseguiu com os prognósticos futuros e explicou que no Verão 30 a 40% da população estaria infectada. Combinado com termos como "catástrofe", "imprevisível", "sem precedentes". Ficou claro na altura que uma pessoa que utilizava tais termos, e que obviamente tinha medo de si própria, não podia conduzir ninguém para o futuro sem medo.

Os jornalistas seriam mais afectados por essa influência do que outros, que só veriam o resultado dos relatórios, resumidos em poucos minutos, porque experimentaríamos pessoalmente este Sr. Wieler. "Teria cheirado o seu suor, digo-lhe eu". É por isso que eles teriam medo.

Tegnell seria muito diferente. Às vezes ficava ali em silêncio, às vezes com as mãos nos bolsos, às vezes com uma camisola, às vezes com uma T-shirt, e depois explicava os números com muita calma. Dizia então: "Isso é motivo de preocupação, é preciso estar atento a isso". Ou "Continuaremos a seguir este desenvolvimento". Seria por isso que as pessoas na Suécia o amariam, e especialmente aqueles que têm muito medo da Corona.

Haveria um artista de tatuagem em Estocolmo que faria tatuagens de Anders Tegnell. Ele disse que Tegnell recordaria aos suecos as suas mães e os seus pais. Este artista de tatuagens, como outras pessoas que fundaram os clubes de fãs de Tegnell, enfatizaria o quão seguros e seguros se sentiam com ele.

Tegnell teria sempre dito que se tem de aprender a viver com o vírus. A tomada de medidas drásticas, tais como bloqueios, pode fazer a diferença a curto prazo, mas não a longo prazo. Mas ele sempre defendeu isto sem atacar dissidentes.

O Dr. Wodarg interveio, notando a confiança dos suecos nas suas autoridades e a diferença entre a Suécia e a Alemanha: "Uma instituição é corrupta quando lhe é dito o que fazer e como decidir, quer pela política, quer pelos negócios. E se a influência da política e dos negócios se tornar demasiado grande, então as próprias instituições, que de facto criámos para nos aconselhar, já não são de confiança, são supérfluas, e fazem mais mal do que bem. .

A Alemanha teria descido ao nível de um país em desenvolvimento em termos da integridade das suas instituições, tais como os meios de comunicação social. Justificou isto apontando como os meios de comunicação social seguiriam uma determinada narrativa ou como agiriam em relação às empresas comerciais. Poderia comprar qualquer coisa na Alemanha se tivesse dinheiro suficiente. Haveria tanta influência directa com o dinheiro e sem poder contar com as instituições importantes nas quais se costumava acreditar que se podia confiar que agora não se tinham tornado dignas de confiança. Ter-se-ia de combater a corrupção institucional na Alemanha para restaurar a confiança.

#### Perspectivas

No próximo resumo será entrevistado o Prof. Dr. Michael Meyen, que analisará a situação de uma perspectiva sociológica e histórica.

#### Fontes:

(1) <https://youtu.be/Q11xjqRwWhk>

+++

Graças ao autor pelo direito de publicar.

+++

Fonte da imagem: [OvalMedia](#)

+++

KenFM esforça-se por um amplo espectro de opiniões. Os artigos de opinião e as contribuições dos



convidados não têm de reflectir a opinião do pessoal editorial.

+++

Gosta do nosso programa? Informação sobre outras possibilidades de apoio aqui:

<https://kenfm.de/support/kenfm-unterstuetzen/>

+++

Agora também nos pode apoiar com as Bitcoins.



BitCoin endereço: 18FpEnH1Dh83GXXGpRNqSoW5TL1z1PZgZK